

The image features a close-up, artistic photograph of several dandelion seed heads. The seeds are fine and white, radiating from a central point, with some showing a yellowish tint. They are set against a dark, almost black background, which makes the delicate structure of the seeds stand out. The lighting is soft, highlighting the texture of the seeds. The overall composition is vertical and centered.

CONFERÊNCIAS NO PARQUE

Conhecer o Território:
Reflexões partilhadas no Parque da Devesa



CONFERÊNCIAS NO PARQUE 2013

*Conhecer o Território:
Reflexões partilhadas no Parque da Devesa*

Coordenação
Emília Nóvoa Faria

húmus



Índice

- 07 Fazer História
Paulo Cunha
- 09 Introdução
Emília Nóvoa Faria
- 11 Pela Terra de Vermoim, peregrinando a Compostela
Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha
- 29 As Azenhas de Vila Nova de Famalicão:
Património, Território e Paisagem Fluvial do Ave
R. Bruno Matos
- 53 Casas com História – Casa de Sinções
Emília Nóvoa Faria
- 71 Pindela – Influências das Pessoas e do Tempo
João Afonso Machado

PINDELA

Influências das
Pessoas e do Tempo

João Afonso Machado

*o Castelo: Dos primórdios a 1938 (algumas
Cadernos Viananenses. Viana do Castelo,*

*ria: Percursos Familiares (III). Casa de
orto, 27 (Mar.) 2013, n.º 95.*

*da Cerâmica. Porto: Gabinete de Estudos
le Católica Portuguesa, 2004.*

*- "José da Silva e Castro, o malacologista
es, Religiões e Ciências, n.º 3 (Jan. 2010).
dições Inapa S. A., 2001.*

*Gouvêa: Descendência de Pedro Fernandes e de
ilo XVI). Edição do autor. Braga: Oficinas*

orto: ed. autor, 1916.

e Ceramista. Gaia: Edições Pátria, 1931.

I. Sob a égide de Barcelos

Desde, pelo menos, 1442 na propriedade da sua Família de sempre, Pindela situa-se na freguesia de Cruz – até à redominação imposta pelo Arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires, Santiago da Forca – antes da criação do concelho de V. N. de Famalicão incluso no termo de Barcelos.

Referi uma data precisa. Na verdade, a história de Pindela não recuou, ainda, além dos meados do século XV. Ninguém soube ou sabe responder à interrogação: a quem pertenceria a quinta, a casa, anteriormente a João Afonso do Prado, o seu primeiro conhecido dono, dezassete gerações antes da actualmente a mais nova?

E mesmo sobre este personagem, muito pouco se apurou. Terá sido amerceado com o foro de escudeiro-fidalgo no reinado de D. João I, de quem o dizem «*embaixador em França*». Existe, efectivamente, um documento a fazer-lhe alusão numa sequência de transacções comerciais na Flandres. O restante da genealogia dos Prados, mencionada no Nobiliário do Conde D. Pedro, cavalga entusiasmadamente os trilhos da lenda, e de aproveitável, nos mais comedidos das certezas, sobra apenas a identidade do seu filho e sucessor – João do Prado, também escudeiro-fidalgo, morto em combate na tomada de Arzila, a 24 de Agosto de 1471.

É onde a história de Pindela (de quem João Afonso do Prado pode ter sido adquirente por liberalidade régia ou da Casa Ducal de Bragança) principia a ganhar consistência. João do Prado casou com Isabel Pinheiro, dos Pinheiros de Barcelos, cujo Solar, monumento nacional, ainda hoje se mantém inteiro e na Família. Trouxe esta senhora para Pindela o seu apelido, nela perpetuado e que dela se tornou o principal. O apelido que, por exemplo, o 2.º e o 3.º Viscondes de Pindela escolheram, entre os demais dos seus extensos nomes, assim secundarizando o da nossa varonia – Machado.

Um documento ainda deve ser referenciado para melhor compreensão do historial de Pindela. Trata-se do pergaminho, guardado na Arquivo particular, pelo qual o escudeiro-fidalgo Luís de Carvalho (filho de João do Prado e de Isabel Pinheiro), em 12 de Maio de 1526, faz testamento e institui o morgadio que perdurou até às reformas legislativas de Mouzinho da Silveira. O testador encontra-se na sua “*quinta de Pindela, sita na freguesia de S. Tiago da Forca*”, e acamado: “*jazendo em uma cama doente de doença que lhe Nosso Senhor deu*”. Com ele está a sua Mulher, Beatriz de Almeida, de uma antiga estirpe barcelense, e entre ambos é tomada a decisão de nomear como primeiro morgadio Simão Pinheiro, sobrinho dele, sob condição de casar com Leonor de Almeida, sobrinha dela.

Assim aconteceu. Todos nós, da Casa de Pindela, somos descendentes de Simão Pinheiro e de Leonor de Almeida. E todos mantemos no nome o apelido Pinheiro, como os instituidores do morgadio também quiseram para a posteridade.

Luís de Carvalho manifesta, no seu testamento, a vontade de ser sepultado no carneiro da Colegiada de Barcelos, jazida dos Pinheiros, onde já se guardavam os restos mortais da sua Mãe, a sobredita Isabel Pinheiro.

É, realmente, manifesta a ligação e a influência que o ramo barcelense – o principal na Família – esta época exerce sobre Pindela.

E percebe-se porquê. Os Pinheiros eram os alcaides de Barcelos, detinham o foro de moços-fidalgos, com lugar cativo na corte do poderoso senhor feudal, o Duque de Bragança, e mesmo na Casa Real. Um deles, D. Diogo Pinheiro, foi o primeiro bispo do Funchal, antes dom-prior da Colegiada de Santa Maria de Oliveira, mestre da

Ordem de Cristo, jazendo em túmulo magnífico na igreja de Santa Maria, em Tomar (sede portuguesa daquela Ordem militar). Coube-lhe a defesa, aliás desassombrada, do Duque D. Fernando, julgado e condenado à morte no reinado de D. João II. Não admira, pois, Pindela gravitasse na órbita do Solar dos Pinheiros. Nem, outrossim, o grau de cavaleiro-fidalgo atribuído ao primeiro morgadio Simão. O qual, conforme se lê numa justificação de nobreza obtida por um dos seus filhos, procedia “*de gente muito fidalga e como tal sempre se tratou à lei da nobreza com cavalos e armas e negros e criados e como pessoa de muita qualidade*”.

Este modo de vida, bem avizinhado com os grandes do Reino, prosseguiria ainda com a sua prole de três matrimónios. O presumível futuro morgado, o primogénito Gaspar, embarcaria para a Índia, onde se encontrou ao serviço do seu parente, o vice-rei Martim Afonso de Sousa, e de onde jamais regressou ou deixou notícias. Assim também o seu meio-irmão Simão Pinheiro, a quem foi confiada a governança de uma fortaleza no Oriente.

Outros dois participaram na aventura de Alcácer Quibir, levando consigo gente de armas do seu sustento: Cristóvão Pinheiro, sobre quem se diz, na acima mencionada justificação de nobreza, ter ido na “*jornada de África d’El-Rei D. Sebastião e lá morreu*”. Não assim com Estevão Pinheiro, que logrou voltar a Pindela, “*muito doente e mal-tratado*”.

Acrescente-se um mais: Pedro Ferreira (apelido este tomado de sua avó paterna), abade de Arcadagos, na Galiza, e professor na Universidade de Salamanca. Será o bastante para reforçar a conclusão da influência aventureira e cortesã que o sangue oriundo de Barcelos exerceu sobre os primeiros tempos do morgadio de Pindela.

Havia, entretanto, a cumprir as disposições dos seus instituidores. Ou seja, a continuidade do vínculo teria de ser assegurada pelos seus netos, filhos do primeiro casamento de Simão Pinheiro. Desaparecido, como disse, o mais velho, Gaspar Pinheiro, na Índia, restava então a sua irmã, Ana Pinheiro. A quem convinha casar, naturalmente, assim introduzindo uma nova varonia em Pindela.

II. O clericalismo, influência bracarense

O noivo veio de Braga. Manuel Figueira, de seu nome, representando uma família – os Figueiras – só chegada àquela cidade duas gerações atrás. Mais precisamente quando o fidalgo toledano Lopo de la Higuera, tendo morto um apaniguado dos Reis Católicos, achou por bem refugiar-se neste Reino, onde D. João II lhe concedeu carta de naturalização, guardada no nosso Arquivo, e, por esse meio, a plenitude dos direitos de cidadania e um nome traduzido – Lopo da Figueira.

Era muito diferente do de Barcelos, o ambiente do velho burgo brácaro. Se no primeiro permanecia sempre marcante a figura ímpar do “*Duque nosso Senhor*”, no segundo há séculos se vivia a omnipotência do Arcebispos. Braga constituía, digamos assim, um feudo do Clero, decididamente predominante sobre a Nobreza. O que explica muito do que a seguir se dirá.

Na verdade, logo um filho de Lopo da Figueira, Xisto Figueira, em 1502 era tercenário da Sé, após o que lhe foi confiada a abadia de S. Tiago de Vilela e – mais tarde e por decisão do grande Arcebispo D. Diogo de Sousa – a incumbência de tratar em Roma os negócios da Diocese. Na imortal capital da Fé morreu Xisto Figueira, não sem antes ter escrito a *Arte de Rezar Conforme o Rito Bracarense*.

Do Arcebispo D. Diogo de Sousa foi pagem Fernão Figueira, formado em Leis e Cânones e desembargador da Relação eclesiástica. Casaria, enfim, com uma sobrinha de D. João da Guarda, Protonotário Apostólico e conde palatino, o ordenante da edificação, em 1522, da primitiva igreja do Bom Jesus do Monte.

Fernão Figueira foi o pai do noivo Manuel Figueira. E do influente deão da Sé, D. Diogo Figueira, quem, em representação do irmão, se apresentou em Pindela para, em 1566, outorgar a escritura matrimonial da morgadinha juntamente com Simão Pinheiro. Ao ilustre deão D. Diogo se deve a aposição, numa das capelas do grande templo brarense, do escudo heráldico dos Figueiras, recentemente dali retirado (sob o pretexto de obras) e cujo parapeiro procuro descobrir para o devolver à Família.

Como se vê, gente ligada ao poder arcebispal, ao *status quo* do núcleo basilar do Catolicismo peninsular. Ao ponto de o varão mais

velho de Ana Pinheiro e de Manuel Figueira, o 3.^o Morgado de Pindela – Miguel Pinheiro Figueira, assim se chamava – haver também seguido o percurso eclesiástico. Ei-lo, depois de abade de S. Lourenço de Celeiros, cónego na Santa Basílica Primacial, homem influente e rico, a acrescentar muitas terras ao vínculo e, acima de tudo, a instituir o padroado do mosteiro de S. Salvador de Arnoso, que andou sempre nesta Casa até à extinção decretada pelas novas leis do Consuetudinismo oitocentista.

O cónego Miguel Pinheiro Figueira fixou residência em Braga, na sua Casa do Passadiço (herdada do seu Avô Fernão Figueira), na Rua de S. João do Souto. Dos seus muitos irmãos, cinco foram freiras e três frades dominicanos. A titularidade do Morgadio proseguirá no secundogénito Gaspar Pinheiro Lobo, que casaria com D. Maria Fagundes Portocarreiro, irmã de outro deão da Sé, D. Baltazar da Rocha. Enfim, o sucessor, filho de ambos, José Pinheiro Lobo, o 5.^o Morgado, ordenaria, em meados do século XVII, a construção da capela da Casa de Pindela, sob a invocação da sempre nossa Padroeira, N. S. da Conceição.

Morreria solteiro e sem geração – assassinado! – o desditoso José Pinheiro Lobo. Após demoradíssimo e muito conturbado período de disputas judiciais (e não só...) pela posse de Pindela e do Padroado de Arnoso, a continuidade destes bens de raiz na Família é assegurada por um sobrinho do defunto 5.^o Morgado – um filho da sua irmã D. Ana Fagundes de Mendanha, a qual se consorciara com um combatente na Restauração, António Machado da Guerra. Com ele entra nesta Casa a nossa actual varonia de Machados.

III. Militares, influentes em Guimarães

É o retorno da apetência pelas armas. Este ramo de Machados fixara-se em Vila Flor, onde o avô de António Machado da Guerra, o escudeiro-fidalgo Lopo Machado, exerceu o cargo de Juiz dos Orrãos. Um seu filho, João de Arosa Machado (o pai daquele António, casado com a dita senhora de Pindela) veio para Guimarães, vila de cuja verreação fez parte.

Provido de razoável fortuna (oriunda do seu lado materno), António Machado da Guerra, a expensas suas, armou gente e combatou em Melgaço como capitão de Ordenanças. Os seus feitos, a sua valentia são testemunhados por elementos da officialidade que com ele militou no exército de D. Gastão Coutinho. Tudo conforme claramente transparece de mais um documento — uma certidão — do Arquivo da Casa.

O seu neto, o 9.º Morgado de Pindela, Vicente Pinheiro e Figueira Lobo da Guerra, identicamente seguiria a vida castrense, como tenente de Infantaria na guarnição do forte de Viana da Foz do Lima. Somente regressa para casar, já de alguma idade, indo residir para Guimarães, onde está sepultado numa capela da igreja de S. Francisco, pertença de Pindela e, ainda hoje, ornamentada com o nosso braço de armas.

Dos seus muitos irmãos mais novos, três rumariam os Estados da Índia: Miguel Pinheiro, clérigo, que regressaria à Metrópole; e Pedro do Rego e Francisco Machado Pinheiro, militares, que por lá deixaram as suas ossadas. A partir daqui, nas três gerações seguintes, a Família radica-se em Guimarães, onde atinge não desprezível predominância.

Assim é que o 10.º Morgado, João Machado de Melo Pinheiro e Figueira, um profundo conhecedor das artes equestres, integra o grupo de eleitores da comarca incumbido de escolher os deputados dos Côrtes Constituintes de 1820. Não há conhecimento de haver participado em situações bélicas, o que se compreende devido a, por exemplo, ultrapassar já os 50 anos aquando das Invasões Napoleónicas.

Ao invés, o seu filho, o 11.º Morgado, Vicente Machado de Melo Pinheiro, viveu parte da sua vida em combates os mais ferozes. Miguellista convicto, sabêmo-lo na primeira linha, à frente da população vimaranense em peso, de bandeira desfaldada nas mãos, aclamando D. João VI «*Rei absoluto*» no agitado ano de 1823, em Guimarães. Não admira, por isso, haja integrado o Batalhão dos Voluntários Realistas local, onde alcançou o posto de major. Dada a sua intemerata attitude na batalha da Ponte Ferreira, aí mesmo seria galardoado («*em honra dos distintos serviços prestados*») com a cruz da Ordem da Torre Espada

pelo Visconde do Peso da Régua, «*Comandante do Corpo do Exército de Operações contra os rebeldes*».

Aliás, aspecto de assinalar, Vicente Machado casaria depois com uma filha (D. Carlota Carolina Correia Leite de Almada) do 1.º Visconde de Azenha, o transmontano Martinho Correia de Morais e Castro, official de cavalaria que se bateu galhardamente no assalto francês a Amarante e seria marechal-de-campo do Rei D. Miguel.

Enfim, sucede na Casa o 12.º Morgado e 1.º Visconde de Pindela, João Machado Pinheiro. Um irrequieto, um romântico, um literato amigo de Camilo Castelo Branco. Nascido em 1824, ainda se envolve nas guerrilhas do general Mac Donell, em 1864, a derradeira tentativa restauracionista do Legitimismo. Tal façanha custar-lhe-ia o exílio em Inglaterra, por tempo indeterminado, e um acidentado regresso ao Reino, com o poeta João de Lemos, pouco antes da Convenção de Gramido. Foi patuleia, official às ordens do Conde das Antas e por este promovido a alferes de Cavalaria.

Depois, são as letras, a boémia portuense, a atraí-lo. De sua autoria ficou um drama em quatro actos — *Uma Virgânica*, assim intitulado — os *Passos na Póvoa*, escritos em parceria com D. João de Azevedo e António Pereira da Cunha — devaneios de Verão no mais requintado correr da pena romântico — e basta poesia dispersa por diversas gazetas e revistas.

E, finalmente, a política. Preside à Câmara Municipal de Guimarães, em dois mandatos, é deputado por este círculo e governador civil de Braga e Viana do Castelo. Inicia-se no Partido Regenerator, mas transitará para o Progressista. À sua morte, o património familiar está bastante abalado, mercê dos gastos que esta sua paixão pela coisa pública lhe impõe.

E é com ele que acontece o célebre episódio — em mais uma das suas aventuras amorosas — da visita a uma ignota dama e da vinda à porta da serviçal: — *Quem é? — Diga à sua Senhora que está aqui o Pindela! — Minha Senhora está lá em baixo o Pim de V. Ex.cia.*

Certo é, porém, com o 1.º Visconde uma nova era se inicia. Depois das ligações a Barcelos, a Braga e a Guimarães, a Família deixa a Província e envereda decididamente pelo cosmopolitismo.

IV. Do Minho para o mundo. Da consagração de Pindela até à diáspora

Não haverá muito a dizer de desconhecido em relação à que denomino a “geração de ouro” de Pindela. Vicente Pinheiro Lobo Machado de Melo e Almada, o 2.º Visconde, seguiu a carreira diplomática; Bernardo Pinheiro Correia de Melo, depois o 1.º Conde de Arnoso, a militar. Aquele viveu fora, quase sempre – sem embargo das grandes obras de acrescento e embelezamento que levou a cabo na Casa – este último acompanhou os Reis D. Luís e D. Carlos até a morte os buscar e pouco tempo sobreviveu ao Regicídio, consumido pelo desgosto e pela revolta. Ficou para a História como o derradeiro, um anacrónico exemplo de coerência e lealdade.

Coerência essa, de resto, bem demonstrada, outrossim, pelo seu irmão mais velho, Vicente Pinheiro. Quando, em 1910, logo após a implantação da República, sendo ministro plenipotenciário em Berlim, instado por Bernardino Machado, seu amigo pessoal, a permanecer no cargo, recusa frontalmente, fiel à Monarquia, expressando-se assim: «*Meu caro Bernardino: respondo ao teu amável cartão, recebido ontem, em que insistes para que fique servindo o Ministério. Quando se chega à posição a que cheguei, num regime qualquer, o dever é desaparecer com ele. Quando por um conjunto de circunstâncias e de traição se serviu um Rei e de perto se tratou com o Rei, morre-se realista (...). Conheces-me desde rapaz. Fomos amigos e choro ainda hoje o teu irmão António. Deves saber que fui sempre liberal e aristocrata. Quero morrer o que nasci e o que me fiz. Admito apenas uma hipótese em que possa sem Rei voltar a servir a Pátria: a sua invasão pelo estrangeiro. Teu velho amigo, Vicente*».

Esta correspondência está depositada no Arquivo da Casa e o 2.º Visconde de Pindela deixou instruções para que ela fosse tornada pública só depois do seu falecimento.

Mas voltemos atrás. Os irmãos Vicente e Bernardo fizeram os seus estudos liceais em Lisboa e depois na universidade coimbrã e na Escola do Exército, respectivamente. Ambos casaram com senhoras de antigas famílias muito ligadas à Corte, o que também ajudou a toda esta mudança de estilo de vida da nossa gente.

As suas carreiras minuciam-se rapidamente. Vicente Pinheiro, concluído o bacharelato em Direito, viria a ser o primeiro civil

Figura 1.

Vicente Pinheiro Lobo Machado de Melo e Almada, 2.º Visconde de Pindela.



nomeado governador-geral de S. Tomé e Príncipe. Sobre este arquipélago escreveu uma excelente monografia, merecedora dos maiores encômios por parte d'El-Rei D. Carlos, em carta onde ficou o desabafo: «*apenas sinto verdadeiramente uma coisa, é que governador algum tenha até hoje feito o mesmo, o que nos seria um auxílio valiosíssimo para a história das nossas colónias*».

De regresso ao Continente, foi deputado, foi Par do Reino. E ministro plenipotenciário em Haia e, finalmente, em Berlim. Compertiu-lhe a negociação do tratado de comércio celebrado com a Alemanha e a organização da vinda do Kaiser a Lisboa em 1905.

Já Bernardo Pinheiro principiou oficial às ordens de D. Luís e depois de D. Carlos, que o escolheu para seu secretário particular.

General do Estado-Maior de Engenharia Militar, entretanto, e Oficial-mor da Casa Real. E Par do Reino, o único cargo que manteve após o assassinato de D. Carlos e do Príncipe D. Luís Filipe, para, do alto da tribuna, poder clamar mais alto por justiça, num País inteiro tolhido pelo medo. E *Justiça!* se intitularam os dois opúsculos coligindo os seus discursos na Câmara dos Pares, os seus brados desespe-rados ante a impunibilidade do hediondo crime.

Ainda nesta sequência, dedicou-lhe Ramalho Ortigão as suas Últimas Farpas, à «saúdosa memória da heróica personificação da amizade, espolho de fidalgos e de homens de bem, modelo de honra, de valor, de coerência e de fidelidade, lição dos seus contemporâneos, glória da sua raça», a quem «piedade-samente consagra as seguintes páginas, sobre algumas das quais esvoaça melancólico e benigno o derradeiro sorriso de companheiro, de camarada e de amigo».

A menção a Ramalho Ortigão introduz-nos numa outra realidade em que se inscreve a “geração de ouro” de Pindela – a da sua vincada ligação aos meios literários da época. Bernardo Pinheiro – Bernardo de Pindela, como se dá a conhecer em tais lides – é membro proeminente do grupo jantante *Vencidos da Vida*. O qual, de resto, dissolver-se-ia justamente por desavenças entre o Conde de Arnoso e António Cândido e Guerra Junqueiro, desavenças essas originadas nos ataques por estes desferidos contra a pessoa de D. Carlos. Quando escreveu a *Pátria*, Junqueiro ofereceu um exemplar a Bernardo Pinheiro com a seguinte dedicatória: «Ao seu querido amigo Bernardo de Pindela. Lê este livro em espírito e acha-lo-ás verdadeiro. A tua carne há-de repeli-lo, a tua consciência, embora com mágoa, há-de aplaudir-lo». Levou por resposta: «Guerra Junqueiro: carne e consciência estão sempre de acordo. A minha consciência grita com mágoa o que a tua te segreda em remorso. Fizeste uma má acção». Com este mote e esta glosa, dificilmente se manteriam estáveis as relações entre o poeta panfletário e o incondicional defensor do Rei.

Já não assim com Eça de Queiroz e tantos outros. Conforme o atestam centenas de cartas arquivadas na nossa Casa. Reproduzirei apenas um trecho de uma delas, agradecendo uma estadia em Pindela, em Agosto de 1884, em que a parte substancial dos *Vencidos* foi servido um almoço preparado pelo célebre Abade de Priscos. Vem ela de Eça de Queiroz e bem traduz a amizade criada, a saudável ambiência vivida, o simpático retrato em que Pindela está no centro: «Meu querido Bernardo e querido Vicente. Jótias: Depois da nossa memorável separação em V. N. de

Famalicão (digo memorável porque a nossa viagem é um dos mais interessantes episódios da história contemporânea), Ficalho e eu preparamo-nos, segundo as boas tradições – para dizer mal de vós. Mas, depois de ter torturado o intelecto, caímos na melancólica banalidade de vos chamar flores e pérolas. (...) Tenho saudades de Pindela. Vejo daqui, deste quarto com vista para a Rua de Santa Catarina, o vosso largo vale verde-negro, a casa, em baixo, antiquada e grave, meio adormecida entre as árvores, e a capelinha a branquejar lá no alto. Vejo o nosso passeio pela mata, o eucalipto com uma data amorosa entalhada por Vicente (e que tu, o dito Vicente, já com um ar sisudo de deputado às Constituintes, dizias ser uma data literária, uma data administrativa!). Vejo-nos, sentados no Penedo da Saudade, e o lagozinho esverdeado cá em baixo, e João de bibe encarnado, correndo no jardim, como uma papoula viva. Depois, à noite, entre os damascos vermelhos do nosso quarto, vejo Ramalho, em camisa e sem lunetas, dizendo coisas sobre Schopenhauer: porque, já noite alta, não sei com que fim, nem por que fantásticas razões, tivemos uma pega sobre Schopenhauer. (...)».

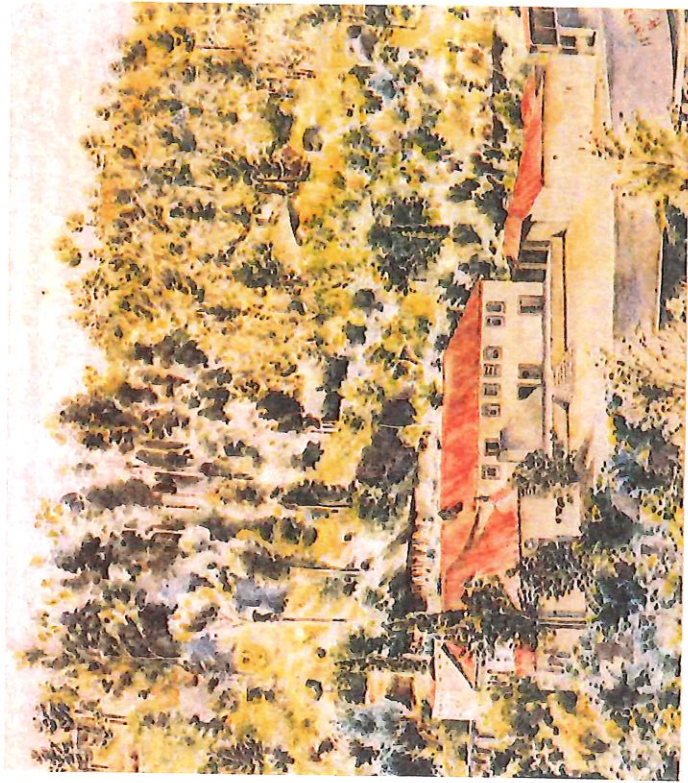


Figura 2.
A Casa de Pindela no século XIX numre aguarela pintada pela Viscondessa D. Maria Amália de Sousa Botelho.

Bernardo Pinheiro deu à estampa *De Braço Dado*, em parceria com o Conde de Sabugosa, e *Azulejos*, prefaciado por Eça, dois livros de contos. Fidelino de Figueiredo coloca-o, na sua *História Literária de Portugal*, entre os principas contistas do período realista. No capítulo do teatro, são suas as peças *A Primeira Nuvem* e *O Suave Milagre*, esta adaptada do conto homónimo daquele seu amigo escritor. Por fim, tendo integrado uma missão diplomática à China, relata as suas impressões de viagem numa curiosa obra, *Jornadas pelo Mundo*, inicialmente publicada farsadamente na *Revista de Portugal*.

Restam, enfim, três personagens marcados pela fatalidade que geralmente assiste a quem vive dolorosos períodos de transição. Irmãos e primos direitos entre si, são eles os 2.º e 3.º Condes de Arnoso e o 3.º Visconde de Pindela.

Do 2.º Conde de Arnoso, João Maria Pinheiro, aludirei apenas à sua fugaz passagem pelo mundo, com tempo, não obstante, para deixar claras e honrosas indicações do seu carácter. Morreu tuberculoso com 26 anos, solteiro e no posto de 2.º tenente da Armada Real. E tal desenlace foi como um prenúncio da desdita que se avizinhava sobre Pindela. Um rudíssimo golpe suportado pelo seu Pai e pela Família em geral. E a inquestionável perda de um combatente que decerto tanto serviria à Monarquia após o Regicídio.

Seu irmão e sucessor no título, Vicente Miguel de Paula Pinheiro de Melo, deixou por herança, sobretudo, um inimitável retrato de boémia nos meandros académicos de Coimbra e toda a poesia contida nas suas quadras e mesmo nas peças teatrais de que foi argumentista. Amou todas as tricanas da Lusa Atenas, por onde se demorou uma década de - digamos assim - estudos. Finalmente licenciado abriu banca com um colega e colocou placa à porta - *Vicente Arnoso, advogado habilitado*. Logo após alguém escreveu por baixo - «bravo, bravo, levou tempo mas sempre foi!».

No teatro concebeu *Coimbra*, *Terra de Amores*, evocação dos sabrosos tempos que por lá passara. Na estreia, a plateia encontrava-se repleta de estudantes e um crítico comentou em *O Século*: «se vissem a sua obra, abraçá-lo-iam os próprios iconoclastas e ferozes lenites que o reprovaram, e beijá-lo-iam, em desforço, comovidas, as lindas tricanas que o amaram e que ele amou. Coimbra, mãe dos poetas, beijá-lo-ia também, porque um dos

seus filhos caros a louvou e toucou de rosas. Nós, que em Coimbra vivemos e que Coimbra sentimos, estendemos-lhe a mão e apertamo-lo contra o peito».

Identicamente fez subir ao palco *Dor que Mata* e *O Último Senhor de S. Gião* e publicou *Cantigas... Leva-as o Vento*, *Quem Canta Seus Males Espanta* e *Cantigas e Mais Cantigas*, tudo poesia do mais puro lirismo e bucolismo.

Foi o seu tio e padrinho, o 2.º Visconde de Pindela, que o levou para Berlim como seu secretário. O terrível 1910 estou certo foi também, para Vicente Pinheiro de Melo, o termo do seu calvário burocrático. Restava-lhe, em solo pátrio, o culto das letras.

O caso do 3.º Visconde de Pindela (primo direito dos anteriores) assume foros de dramatismo. É para mim um gosto fazer um pouco de luz sobre este de quem sou o neto mais velho e de quem herdei o nome: João Afonso - ele Pinheiro, eu Machado, por escolha de cada um.

Em 1905, com 10 anos, ingressou no Colégio Militar. O seu sonho era também a Marinha. Orgulhosíssimo, fez a sua primeira guarda de honra logo então, aquando da chegada d'El-Rei D. Carlos de Paris. E o seu nome não tarda a ser constante no quadro dos melhores alunos. Tudo parecia correr pelo melhor, não fora o derrube da Monarquia e a sua consequente saída daquela instituição. Não mais se lhe perspectiva a vida de oficial da Armada. Em Novembro de 1910, já no liceu de Braga, subsegue uma proclamação dos estudantes monárquicos redigida por ocasião do aniversário de D. Manuel II. É detido e interrogado por carbonários no Governo Civil... Acompanha a intensa batalha panfletária que o acontecimento suscita... E em 1912, contratado, acabrunhado, parte para a Alemanha a estudar Engenharia. O fracasso é completo, as despesas no estrangeiro incontroláveis, o regresso imperioso. Algo desorientado, pensando já nos cursos de Agronomia e Silvicultura que viria - com tantos percalços pelo meio! - a concluir, vamos encontrá-lo em Lisboa, em Maio de 1915, na violentíssima revolução que depôs o Ministério do General Pimenta de Castro. É a sua primeira experiência bélica, defendendo a Escola do Exército do assalto dos partidários de Afonso Costa.

Quatro anos volvidos, integra o Batalhão dos Cadetes d'El-Rei e participa activamente na restauração da Monarquia no Norte. É expressamente referido por Rocha Martins e Sollari Allegro, nas

obras que dedicaram ao tema, como sendo um dos últimos a render-se, entricheirado num telhado para proteger a retirada dos membros da Junta Governativa. O feito valeu-lhe cerca de seis meses de cadeia, na Relação do Porto, de onde foi libertado sem sequer ser julgado.

D. Manuel II, no exílio, concedeu-lhe o título de Visconde de Pindela em terceira vida, e é ao Rei que telegrafa, em 1925, dando-lhe a nova do nascimento dum seu «*novo devotado servidor*» – o actual 4^o Visconde de Pindela, o meu Pai, Vicente Pinheiro Machado.

A fase final da sua vida é de profunda dedicação ao trabalho. Director da Circunscrição Florestal do Norte, devem-se-lhe o plantio e a florestação de amplas áreas nas serras minhotas e transmontanas. E levado sempre pelos seus ideais, é já muito perto do fim que organiza a *Marcha a Lisboa*, uma manifestação quase à moda dos nossos dias abarcando toda a realidade da lavoura portuguesa. Desassombradamente afirma, então, em entrevista a um diário portuense, ser o Sindicato Agrícola – em cuja constituição se empenha – uma evidente «*obra democrática e cristã*».

Faleceu em 1938, com 44 anos, sei-o de ciência certa, amargurado por tudo o que lhe foi impossível realizar e angustiado com o amanhã de Pindela. Vai lá mais de meio século. Dos seus seis netos, todos crescidos em Famalicão, passamos já aos seus dezasseis bisnetos. Muitos destes conhecendo a Casa já só em período de férias ou em datas festivas. Os tempos são outros, a Família cresceu rápida e exponencialmente. Resta apenas aguardar pelo futuro, no quadro geral da denominada *globalização*.



Figura 3.
A Casa de Pindela
no século XX.

Identificação completa de todos os morgados, representantes do morgadio e Viscondes de Pindela

- 1º Morgado – Simão Pinheiro, casado com Leonor de Almeida, de quem teve
- 2ª Morgada – Ana Pinheiro, casada com Manuel Figueira, pais de
- 3º Morgado – Miguel Pinheiro Figueira, clérigo e irmão de
- 4º Morgado – Baltazar Pinheiro Lobo, casado com D. Maria Fagundes Portocarreiro, de quem teve
- 5º Morgado – José Pinheiro Lobo, solteiro, morreu assassinado, sucedendo-lhe o sobrinho (filho de sua irmã, D. Ana Fagundes de Mendanha e de António Machado da Guerra)
- 6º Morgado – Baltazar Pinheiro Lobo que morreu solteiro mas com um filho natural que foi o
- 7º Morgado – Vertíssimo Pinheiro Lobo, solteiro, após cuja morte entrou na posse do vínculo o seu tio (filho dos sobreditos D. Ana Fagundes e António Machado)
- 8º Morgado – João Machado Fagundes da Guerra Pinheiro e Figueira, casado com D. Mariana Josefa de Castro, de quem teve
- 9º Morgado – Vicente Pinheiro e Figueira Lobo da Guerra, casado com D. Ana Maria Isabel de Melo Pereira de Sampaio, de quem teve
- 10º Morgado – João Machado de Melo Pinheiro e Figueira, casado com D. Maria Angélica Rita Pinto Pereira de Magalhães e Gouveia, de quem teve
- 11º Morgado – Vicente Machado de Melo Pinheiro, casado com D. Carlota Carolina Correia Leite de Almada e Castro, de quem teve
- 12º Morgado e 1º Visconde de Pindela – João Machado Pinheiro Correia de Melo, casado com D. Eulália Estrelita de Freitas Ranget de Quadros, de quem teve
- 13º Representante do Morgadio e 2º Visconde de Pindela – Vicente Pinheiro Lobo Machado de Melo e Almada, casado com D. Maria Amália de Sousa Botelho Mourão de Vasconcelos, de quem teve

- 14º Representante do Morgadio e 3º Visconde de Pindela – João Afonso Simão Pinheiro Lobo da Figueira Machado, casado com D. Margarida Helena Cardoso de Meneses, de quem teve
- 15º Representante do Morgadio e 4º Visconde de Pindela – Vicente Maria Miguel Bernardo Pinheiro Lobo da Figueira Machado, casado com D. Ana Isabel Maria Bacelar de Queiroz Nazareth de Sousa.

Conferências no Parque 2013

Conhecer o Território:
Reflexões partilhadas no Parque da Devesa

Coordenação: Emília Nôvoa Faria

Direcção Gráfica: Edições Húmus, a partir de
layout de António Pedro

Capa: Raquel Bregança
Fotografia da capa: Andreia Mafra

© Edições Húmus, Lda., 2014
End.Postal: Apartado 7081
4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão
Tel. 926 375 305
humus@humus.com.pt

Apoio:
Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão

Impressão: Papelimunde – V. N. Famalicão
1.ª edição: Setembro de 2014
Depósito Legal n.º: 380746/14
ISBN: 978-989-755-073-7